

22.06.96

0110023

Manchete

EXCLUSIVO

O MUNDO MÁGICO DAS ÍNDIAS



A nudez livre
e a vida feliz das
mehinaku no
Alto Xingu



uma publicação
bloch
R\$ 5,00

Série **DICAS & MAGIAS** LIVRO INÉDITO DE **MONICA BUONFIGLIO** ● GRÁTIS 6 ANJOS ADESIVOS



Reportagem da
MANCHETE penetra nos
mistérios e belezas
do cotidiano feminino
no Alto Xingu

Índias mehinaku AS PRINCESAS DAS ÁGUAS

Esqueça a lógica, o tempo contado segundo os dias da semana e a crença nos padrões de comportamento da nossa civilização. No Alto Xingu — no sul de Mato Grosso —, depois dos primeiros dias entre as mulheres mehinaku, o que importa apenas se é dia ou noite, claro ou escuro, trabalho ou diversão, como neste banho coletivo, uma brincadeira preguiçosamente espichada. MANCHETE registrou, com absoluta exclusividade, a espontaneidade e a magia do cotidiano feminino destas índias brasileiras, princesas das águas que vivem um mundo feliz e de prazer, (ainda) protegido do homem branco pela distância e pela selva.

M XINGU

**Caminhar até o rio
é um momento de
descontração,
mas dá a maior
canseira**

Pegar água é uma tarefa feminina, geralmente associada ao banho. Isso significa percorrer, com panelas na cabeça, em passos rápidos e ritmados, o quilômetro e meio que separa a aldeia do riacho de águas lípidas. As meninas carregam panelinhas leves. As mulheres adultas, panelões de 50 litros.





Aioatoalo está presa há dois anos e só deve sair em agosto do ano que vem, na festa do Kuarup, quando a franjinha será cortada. Ela usa colares de caramujo e só deixou a prisão para dançar o Yamarikumã, quando as mulheres tomam os enfeites dos homens e mostram que são fortes como eles, lutando huka-huka.

M XINGU

Meninas-borboleta: se encasulam por anos. Quando saem, são mulheres

Tão logo menstrue, a menina é mantida em reclusão por um período que pode variar de um a quatro anos. Só sairão de seu casulo quando os pais considerarem que o corpo está pronto. É um rito de passagem que marcará a transformação da menina em mulher. As meninas-borboleta permanecem todo esse tempo sem tomar sol. Sua pele se torna alva como leite, a franja cresce e só será cortada quando voltar para a vida da aldeia, sempre recebida com uma grande festa. Mas a sexualidade da menina reclusa não obedece a padrões rígidos. Ela pode ter rela-

ções sexuais (o homem entra furtivamente à noite), fugindo do controle dos pais. Situações como essa não são desejáveis e, se descobertas, resultam em reclamação do pai da moça ao pai do rapaz. Se a menina presa ficar grávida — uma situação ainda menos desejável —, o aborto é praticado com ervas especiais, e o casamento só acontece se houver interesse da família.

AS ÍNDIAS SE REBELAM CONTRA OS HOMENS NA FESTA DO YAMARIKUMÃ



O indigenista da Funai Wagner Salles Tramm é agarrado pelas índias durante o Yamarikumã. Elas pegam para humilhar mesmo.

Três meses depois de iniciarem o período de reclusão, boa parte das moças já está acostumada à nova situação. Elas não saem por nada. Nem mesmo para se banhar no rio. Então passam o tempo fazendo redes, esteiras, desfiando buriti, algodão e barbante. Uma vez na *prisão*, as jovens índias contam com a ajuda, geralmente da irmã mais velha, para receber água e comida.

Não é à toa que a festa do Yamarikumã é de longe o ritual preferido das mulheres. Ela fala de uma rebelião feminina contra o mundo impositivo dos homens. Só elas participam do ritual, no qual tomam os enfeites dos

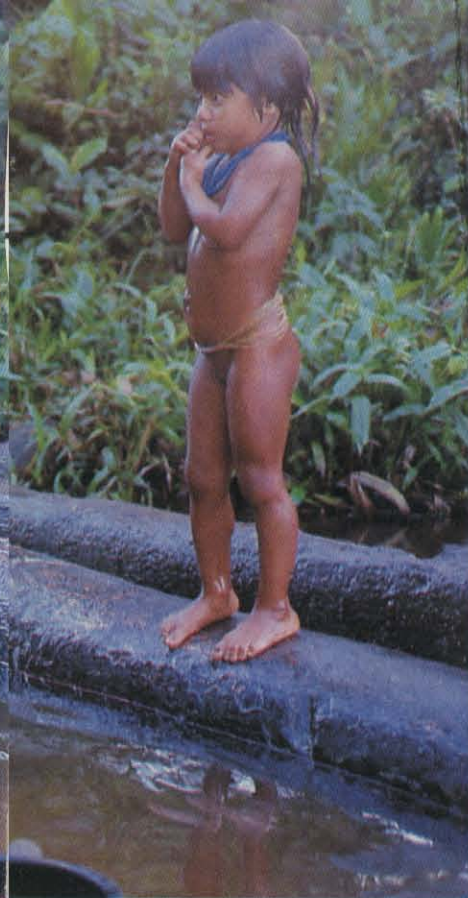
homens (cocares, flechas) e mostram que lutam como iguais. A eles, resta ficar olhando, afastados e pintados, tentando chamar a atenção. Mas atenção mesmo elas só dão aos homens de fora, sejam eles brancos ou de outra tribo, carregando-os no colo e jogando-os para o alto. Mas engana-se quem pensa que elas querem brincadeira. “Elas pegam para sacanear mesmo, para bater, jogar no chão, passar urucum nos olhos”, conta um mehinaku. Foi o que aconteceu com o geógrafo e indigenista da Funai Wagner Salles Tramm, que não sensibilizou as índias com seus apelos de clemência. Mas até que ele gostou...

M XINGU

O sexo livre é awirintyapai: delicioso e suculento

As índias trabalham muito, mas encontram tempo para a diversão. O banho, o namoro e as festas são fundamentais em um mundo ordenado também pelo prazer. Banhar é uma constante (“Já banhou?, vai banhar?”), perguntam em português, numa das poucas perguntas que sabem em nossa língua. O resto do tempo falam em mehinaku). O pequeno riacho — que serve ao banho e fornece a água utilizada para cozinhar e lavar mandioca — fica a mais ou menos um quilômetro e meio da aldeia. Ali é possível vê-las no esplendor de sua espontaneidade.

As índias adoram se enfeitar: a pintura do corpo e o uso de colares de miçangas de cores fortes, bem como fios de algodão recobrimdo os joelhos, são adornos freqüentes. As



mulheres sempre usam seu cinto tecido com fios de buriti, só retirando-o para o banho. Nas festas, costumam adicionar ao cinto um fio de buriti que passa entre as pernas, pelo meio da vagina, chamado uluri. Muitas não gostam disso. Incomoda.

A pintura no corpo da mulher se limita às pernas e ao rosto, e sua geo-

metria perfeita tem significados que remetem à vida na mata — a sinuosidade da serpente, a cabeça da sucuri e pequenos peixes, como as piabas. O urucum é passado numa faixa na testa e algumas vezes na parte inferior das pernas. A tinta de jenipapo misturada ao carvão (ulutaki) dá a cor escura dos desenhos, que tam-

bém ganham tons de vermelho (epit-siri). Só os homens podem pintar o corpo inteiro e o cabelo. Mas é o jenipapo que garante a permanência da pintura por mais de dez dias. Os motivos vão desaparecendo devagar, com os banhos freqüentes. O cinto, os colares e a pintura no corpo significam que as mulheres estão *vestidas* e bonitas.

É assim que estas animadas garotas se preparam para a festa do Yamarikumã, um espírito divino. Conta a lenda que Katapirari, mulher de grande chefe, se rebelou contra os homens da aldeia, depois de descobrir que eles não queriam mais voltar de uma pescaria que já durava sete dias. Eles deixaram claro que não se importavam com elas, nem ligavam se passassem fome e morressem. Katapirari foi ao centro da aldeia, reuniu todas as mulheres e crianças e, juntos, se entorpeceram e passaram três dias dançando, sem dormir nem comer. Elas começaram a virar bicho — como estava acontecendo com os homens —, abandonaram a

REVOLTADAS COM OS HOMENS, AS ÍNDIAS PASSARAM TRÊS DIAS DANÇANDO

aldeia e foram arrebanhando as mulheres de outras tribos, sem se importar mais em atender aos apelos dos homens. Quando estes finalmente voltaram com seus peixes, assustados pelo risco real de perdê-las, já era muito tarde.

O espírito de Yamarikumã deixou as mulheres fortes como os homens — elas pescavam com a mão e comiam o peixe cru. Claro que eles ficaram muito tristes, mas elas foram embora e construíram uma grande aldeia, bem longe. Ali viviam como os homens: aprenderam a usar flechas, a pescar e a caçar. O mundo só voltou a ser ordenado conforme as regras existentes porque o marido da irmã mais nova de Katapirari, recém-casado, morria de saudades da mulher e se arriscou a trazê-la de volta, enfrentando a fúria de Yamarikumã.

A realização do ritual tem função importante: deixar a mulher feliz e afastar o perigo da perda. Assim, os homens lembram que as mulheres precisam ter seu espaço e carregam consigo o germe da rebelião. O cacique Yumuim faz questão de frisar que “Yamarikumã é vida e cultura do índio”. Enquanto for celebrado o rito, com suas músicas e significados, não cairá no esquecimento, já que mantém o mundo segundo a lógica atual. “A

O banho no rio é, para as índias do Xingu, também um momento de pura diversão, principalmente para as mais jovens. Estas geralmente ainda não têm filhos ou responsabilidades mais sérias que as desviam para o prazer.

mulher vai dançar no centro e vai ficar alegre. Se esquecer Yamarikumã, estraga a vida”, diz o cacique.

Já as melodias do Jakuí, cantadas pelas mulheres, são um exercício de poesia. À noite, elas costumam dançar com pinturas, colares de miçangas e seus inseparáveis cintos de fios de buriti. De braços dados, passos ritmados, divididas em duas fileiras que se aproximam e se afastam, algumas vezes as índias chegam perto de uma oca qualquer: certamente uma delas tem um caso com alguém dali. As canções do Jakuí sempre falam de amor. O sexo não é algo problemático. E ele é descrito como “delicioso e suculento” (awirintyapai) e encarado com a mesma naturalidade com que é praticado, seja entre índias casadas ou solteiras. Sob a luz da lua, entre as mulheres, um animado grupo se forma. Elas adoram. E festejam.

À NOITE, TODOS DANÇAM. E AS MULHERES CANTAM OS HOMENS

LUÍZA SILVEIRA

FOTOS: ANA PAULA OLIVEIRA

AGRADECIMENTOS:

YAMAHA MOTOR DO BRASIL E LINHAS CLÉA



O cinto com fios de buriti sempre é usado e as índias só o retiram para o banho. O jenipapo (escuro) e o urucum (vermelho) são usados para a pintar no corpo desenhos com motivos da vida na mata.

A SEGUIR: O TRABALHO DAS MULHERES, CASAMENTO, SEXO E TRAIÇÃO, OS FILHOS E O MEDO DO ESTUPRO COLETIVO